



# PLACEMENT E TRANSFERÊNCIA NA PSICOSE: ESTUDO DE CASO

## PLACEMENT AND TRANSFERENCE IN PSYCHOSIS: A CASE STUDY

  Ana Carolina Fontes Chaves, UNILAGO, São José do Rio Preto, SP, Brasil

  Matheus Colombari Caldeira, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, Brasil.

**PLACEMENT E TRANSFERÊNCIA NA PSICOSE: ESTUDO DE CASO****PLACEMENT AND TRANSFERENCE IN PSYCHOSIS: A CASE STUDY**

Ana Carolina Fontes Chaves<sup>1</sup>  
Matheus Colombari Caldeira<sup>2</sup>

**Resumo:** O atendimento psicoterapêutico permite a análise e a elaboração de processos que promovam sofrimento ao sujeito. Através do placement é possível identificar o surgimento de um movimento facilitador que permita ao sujeito o alívio de seu sofrimento. O objetivo é demonstrar o papel do placement na psicoterapia de uma paciente de estrutura psicótica, no desenvolvimento do vínculo e autonomia no processo terapêutico, desenvolvendo o autocuidado da saúde mental e maior qualidade de vida. Ao longo dos atendimentos foi possível identificar que a paciente ampliou o autocuidado, aderindo a outras atividades além da psicoterapia, como a atividade física. Foi possível perceber o placement como fundamental para a autonomia da paciente.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Psicoterapia; Placement; Saúde mental.

**Abstract:** Psychotherapeutic care allows for the analysis and elaboration of processes that cause the subject to suffer. Through placement it is possible to identify the emergence of a facilitating movement that allows the subject to relieve their suffering. The aim is to demonstrate the role of placement in the psychotherapy of a psychotic patient, in the development of the bond and autonomy in the therapeutic process, developing mental health self-care and a better quality of life. Over the course of the sessions, it was possible to identify that the patient expanded her self-care, adhering to activities other than psychotherapy, such as physical activity. It was possible to perceive placement as fundamental to the patient's autonomy.

**Keywords:** Case Study; Psychoanalysis; Psychotherapy; Placement; Mental health.

---

<sup>1</sup> Graduada em psicologia pela UNILAGO, desenvolve pesquisas sobre a temática psicoterapia clínica. E-mail: anacarolinafonteschaves@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando pela Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, Brasil. Docente do curso de psicologia e supervisor clínico da UNILAGO. Desenvolve pesquisas acerca dos temas grupos, psicossomática e psicanálise. E-mail: mmatheuscaldeira\_@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Na clínica de pacientes psiquiátricos Winnicott (1984) desenvolveu técnicas que permitem a criação de um processo terapêutico, visando fornecer a adaptação no ambiente familiar e a ressignificação de experiências passadas, tendo o analista o papel fundamental de ser o sujeito que auxilia o paciente na criação deste processo. A técnica Placement se trata de um processo interventivo facilitador da adaptação do sujeito ao meio em que está inserido.

O sujeito psicótico, sendo frequentemente visto como um paciente psiquiátrico, é fragmentado, é atravessado pela fala e pela ação deste Outro, logo, seus conhecimentos podem se originar do contato com o mundo externo, mas ao seu reproduzido sofre o peso do mundo interno da psicose (Meyer, 2008). A psicoterapia permite a análise das experiências traumáticas e sofrimento do paciente através de sua fala. O objetivo deste trabalho é demonstrar o papel do placement na psicoterapia de uma paciente de estrutura psicótica, no desenvolvimento do vínculo e autonomia no processo terapêutico, desenvolvendo o autocuidado da saúde mental.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso único de uma paciente que foi atendida ao longo de um semestre pela estagiária, contabilizando onze atendimentos, no ano de 2024, na modalidade de psicoterapia psicanalítica em uma clínica escola de uma faculdade particular da cidade de São José do Rio Preto. A coleta de dados foi realizada através do atendimento, utilizando-se dos recursos técnicos da Psicanálise como: associação livre e transferência (Etchegoyen, 2003) e diário de campo (Kroef; Gavillon; Ramm, 2020). A análise realizada foi elaborada por meio da supervisão clínica (Derzi; Marcos, 2013) e sob o aspecto teórico de Winnicott e Safra (Winnicott, 1995; Safra, 2006). Dentro do espaço da supervisão foram elaboradas análises sobre as posições de transferência e contratransferência (Freud, 1912), a fim de pensar o Placement no desenvolvimento vincular e autocuidado da paciente.

## RESULTADOS

Foram realizadas sessões na modalidade de psicoterapia com abordagem psicanalítica (Fink, 2024) durante o período de um semestre. Sendo realizados de forma gratuita e dentro das dependências do Núcleo de Atendimento Psicológico.

## DISCUSSÃO

Júlia é uma paciente do sexo feminino de 20 anos desta clínica escola articulada através dos atendimentos dos alunos do último ano do curso de psicologia, sendo no início de cada ano letivo feita uma mudança no quadro de estagiários. Diante da mudança a paciente revelou resistências no desenvolvimento de vínculo, revelando o desejo de que a outra estagiária, do ano anterior, voltasse para a atender. Nos atendimentos desta paciente, o setting foi alterado, visando promover um melhor desenvolvimento de vínculo. As poltronas foram colocadas mais próximas, a fim de estabelecer maior suporte neste caso. O setting tem a função de propiciar a estrutura simbólica dos processos subjetivos inconscientes, podendo ser um espaço facilitador de mudanças e de aspectos transferenciais (Barros, 2013).

Em seu relato a paciente apresentou a existência de outra identidade, denominada “Menininha”, sendo ela originária de episódios de abuso sexual vivenciados na infância. Em análise do caso, é possível se apontar a hipótese diagnóstica de estrutura de personalidade psicótica, em decorrência da apresentação de sinais de floraclusão e falas delirantes. A experiência traumática, vivida na infância, pode causar uma ruptura com o Eu, causando a existência de outras identidades dentro do sujeito (Ferenczi, 1992). Esta identidade revelou comportamentos infantis, como o uso de mamadeiras, chupetas, enurese e medo em relação ao “Lobo Mau”. Esta figura representava o autor da violência, onde se escondia em uma “Casa Rosa”, na qual relatava estar dentro de sua mente. O Lobo mora dentro desta casa e Menininha relatava sobre o medo do que aconteceria se ele saísse dela.

No início dos atendimentos Menininha se fazia mais presente durante o discurso da paciente, interferindo nas falas de Júlia, solicitava a presença materna ou o retorno da antiga estagiária, revelando angústia, desamparo e retorno a experiência do Lobo Mau. A nova estagiária representaria o novo mundo, para além do conhecido, o lobo que viria pegar a menininha. Assim, se produzia uma repetição e resistência, aspectos fundamentais da

transferência (Freud, 1912). A paciente tinha uma mochila que a acompanhava insistentemente ao setting terapêutico, posicionada em seu colo. Na mochila, a paciente guardava objetos pertencentes à Menininha, como chupetas e brinquedos. Esses objetos, podem ser considerados transicionais, pois “o que dá valor ao objeto transicional é, por assim dizer, o objeto externo que ele substitui, e do qual ele depende para garantir a sua existência” (Fulgêncio, 2011, p. 397). Em um atendimento, ao perceber que havia esquecido a mochila na recepção, angustia-se de maneira intensa e saiu abruptamente da sala, retornando já com a mochila.

A fim de desenvolver o vínculo com ambas as identidades, a estagiária utilizou-se destes objetos, brincando junto com a paciente, além do manejo em que permitia a inclusão das duas partes da mente da paciente na psicoterapia, “no placement o que se busca é a possibilidade de o indivíduo ser colocado em uma situação que responda às suas necessidades para que possa ser acompanhado em seu tratamento” (Safra, 2006). Coutinho Jorge (2017) pontua que o papel do analista é dar curso à imaginação, conduzindo a reinvenção da atuação, o que permitia a coexistência de duas partes da mente e uma fala fluida, a Menininha continuava os discursos de Júlia, e a diferença se notava somente pela postura e estilo infantil da linguagem, mas que não interrompia a associação livre.

Ao passo que Menininha relatava sobre o Lobo Mau, Júlia contava sobre a vivência traumática utilizando a identidade do agressor, trazendo a descrição de uma realidade factual do acontecido. Júlia revelava o desejo de que sua outra identidade desaparecesse, visto que, Menininha surgia nos momentos em que Júlia vivenciava situações de maior angústia. A existência da outra personalidade trazia sofrimento, visto que Júlia revelava o desejo de conseguir trabalhar e ter um relacionamento amoroso, sem que houvesse a intervenção da outra identidade. Ao passo em que o processo psicoterapêutico acontecia, foi possível realizar intervenções que permitiram que Júlia se sentisse como autora de sua própria vida, como a abertura de um espaço de reflexão sobre as possibilidades de trabalho e suas competências, o acolhimento de suas perspectivas e desejos. O processo não visou excluir a existência da Menininha, mas promover seu amadurecimento, de modo que permitisse Júlia realizar seus desejos de obter certa funcionalidade.

Menininha se mostrava mais ausente, na perspectiva de Júlia. A mochila, já usualmente presente nas sessões, passou a conter materiais de trabalho de Júlia no lugar

de brinquedos. Logo, a transferência se modifica, da negativa à positiva, permitindo vínculo e discurso sobre sofrimentos da vida adulta, não mais relacionados à Menininha. Seu sofrimento, relacionado aos efeitos colaterais do uso da medicação antipsicóticos, dentre estes sintomas estava a hipersonia e o ganho de peso, que a impedia de cumprir seus compromissos. A imagem começava a ganhar lugar especial nas queixas. Imagem fundamental para a construção do Eu (Lacan, 1998). Que imagem era essa, da Menininha ou da Júlia? O elevado peso era temática recorrente, sendo um fator gerador de angústia. O corpo apresentado pela paciente, a noção de sua imagem, refere-se aos apontamentos de Dolto (1986), à respeito deste corpo, que não é o visível aos outros, mas sim aquele que psiquicamente é identificado e estruturado pelo sujeito. Este é um corpo que se apresenta marcado, ferido, abusado sexualmente, destruído pelo Outro. Segundo Nasio (2008), esta imagem inconsciente do corpo é formada por uma emoção ao lado de uma tensão, que surge entre a troca rítmica com este outro que atinge o sujeito. A paciente apresenta em seu relato o desejo de reconstruir este corpo, o desejo de ter energias para repará-lo inconscientemente. Júlia diz “Não gosto do meu corpo, é feio... não gosto do meu cabelo, depois do que aconteceu parece que é tudo ruim, não consigo nem lavar o cabelo...foi tudo ruim, fica marcado na gente, mas passou e eu não quero mais levar isso comigo, quero ser bonita, quero um dia poder namorar e ficar bem” (SIC).

Frente a dificuldade em estar acordada, e o desejo de cuidar do corpo, buscou-se reproduzir o que Safra (2006) pontua “processo adaptado às necessidades especiais da criança, sem as quais não se estabelecem os fundamentos da saúde mental”. A proposta foi realizar duas ligações telefônicas para a paciente, visando acordá-la para o horário dos treinos na academia e para o horário da psicoterapia, é necessário que, “o paciente encontre alguém que lhe possibilite satisfações instintivas, para lhe dar a possibilidade da descoberta do corpo. Faceta fundamental para o processo de alojamento da psique no corpo, o que foi denominado de personalização” (p. 17).

Nas primeiras ligações, a estagiária conversava com a mãe da paciente e pedia para informar à Júlia sobre a tentativa de contato, nas semanas seguintes a paciente passou a atender a chamada telefônica. Após dois meses de ligações, relatou que conseguia acordar, sem a intervenção de outros, alguns minutos antes da ligação e ir para os seus compromissos. Para Winnicott (1984) é através do Placement é possível realizar uma

análise da situação e promovendo ao paciente a experiência de repensar e ressignificar as vivências, fornecendo a criação de um processo adaptativo que correlacione os desejos do paciente com o real. Após a adaptação de Júlia aos horários, uma nova intervenção foi feita, para que a função da estagiária, de suporte para acordar fosse substituída pelo próprio desejo. Para Fulgêncio (2011), é um dos objetivos da análise “retomar as condições de sustentação e comunicação ambiental, nas quais estão envolvidas relações objetais, para que o amadurecimento, a expansão das relações com o mundo, possa ocorrer”. É importante ressaltar que nosso modelo de utilizar o Placement, diferente de grandes alterações do ambiente como relatado por Kahn (1983), buscou alterar o ambiente, inserindo a estagiária, talvez por compreender a estrutura clínica e por vislumbrar, até onde este ambiente produzido pelo cuidado da inserção da estagiária que ultrapassa os muros da clínica poderia recriar uma transformação.

Após a intervenção do Placement, ela demonstrava e verbalizava em sessão, cada vez mais conforto, disposição a falar e uma relação mais integrada com o corpo, sem apresentar novas resistências ao passo em que o tratamento avançava. “Eu fico feliz quando me liga, eu já fico esperando e falo pra minha mãe me passar o telefone, me sinto bem” (SIC). Corresponde ao movimento como o paciente estrutura a relação com o analista, o colocando em determinada posição em que permita a adesão ao tratamento (Pichon-Rivière, 1980). Menininha se distanciou da mulher que foi surgindo, com olhares para o corpo e em alguns momentos até para a sua sexualidade. Júlia, cada vez menos dependente da analista, internaliza parte dela e se torna a protagonista de seu discurso. Soler (1991) destaca que um dos objetivos do tratamento com psicóticos é poder criar laços diante da ruptura com o real, restabelecendo sua relação com o próprio Eu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o progresso do trabalho clínico pela técnica do Placement, foi possível compreender a capacidade de integração do Eu, de Menininha e Júlia, ao mesmo tempo em que houve a necessidade de manejar os objetos transicionais para estabelecimento do vínculo. Com o Placement, realizado por diversos meios, mas que se destaca no uso das ligações como construção de um lugar da paciente na mente do analista, ou seja, lugar em que se pode existir, criaram um processo adaptativo do sujeito sem desconsiderar seus

desejos. Entende-se que o vínculo formado entre a estagiária e a paciente foi um elemento facilitador de todo o processo terapêutico, que permitiu que as intervenções fossem efetivas.

## REFERÊNCIAS

BARROS, G. O SETTING ANALÍTICO NA CLÍNICA COTIDIANA. **Estudos psicanalíticos**. Belo Horizonte, n.40, dez. 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010034372013000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372013000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 1 abri. 2025.

DERZI, C; MARCOS, C. M. SUPERVISÃO EM PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 2, p. 323–331, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/xdH37hCLN8qHyyJRfqsQ8Qb/>. Acesso em 2 de mai. 2025.

DOLTO, François. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo:Editora Perspectiva, 1986.

ETCHEGOYEN, Horacio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. São Paulo:Artes médicas, 2003.

FERENCZI, Sándor. **O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 107-120.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

KROEF, R.F.S.; GAVILLON, P.Q.; RAMM, L.V. DIÁRIO DE CAMPO E A RELAÇÃO DO(A) PESQUISADOR(A) COM O CAMPO-TEMA NA PESQUISA-INTERVENÇÃO. **Pepsic**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, ago. 2020. DOI: [doi.org/10.12957/epp.2020.52579](https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579) Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812020000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812020000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso 2 mai. 2025.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MEYER, G.R. A CLÍNICA DA PSICOSE NO CAMPO DE SAÚDE MENTAL: TRANSFERÊNCIA E DESEJO DO ANALISTA. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v.10 n.2, abr/jun 2007. DOI:<https://doi.org/10.1590/1415-47142007002010>. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/LZz9SSDjYhwkPbxbp9gGFSVd/>. Acesso: 2 abr. 2025.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2008.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoría del vínculo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

SAFRA, G. PLACEMENT: MODELO CLÍNICO PARA O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO. **Psyche**. São Paulo, v. 10, 2006. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382006000200002&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382006000200002&script=sci_abstract). Acesso em: 1 maio 2025.

SOLER, Colete. **A psicose: problemática**. São Paulo: Editora Fator. 1991.

WINNICOTT, Donald. **Privação e delinquência**. Londres: Penguin, 1984.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.